



“ESTABELECIDOS E *OUTSIDERS*: INCLUSÃO/EXCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR”

Resumo

O objetivo deste artigo é descrever e analisar, a partir de entrevistas narrativas autobiográficas, realizadas com dois egressos do curso de Direito e dois egressos do curso de Enfermagem, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), que vivenciaram a experiência do trabalho infantil na roça, a ruptura, a transgressão da *cultura rural* local onde o trabalho na roça estava em primeiro lugar e os estudos, em segundo lugar. Pois, em suas autobiografias detectamos que seus avós trabalharam na roça e não freqüentaram escola; os pais trabalharam na roça e freqüentaram os primeiros anos do Ensino Fundamental; e os filhos trabalharam na roça durante a infância, mas sempre freqüentaram a escola e acessaram a universidade. Em suas entrevistas narrativas, descrevemos e analisamos em que medida os entrevistados foram estabelecidos ou *outsiders* antes ou durante processo de ingresso, permanência e conclusão do ensino superior.

Palavras-chave: Estabelecidos; *Outsiders*; Jovens universitários; Experiências de si; entrevistas narrativas.

Introdução

O que diz um jovem universitário sobre as suas vivências na universidade é digno de interesse para a pesquisa educacional e para as Políticas Públicas em Educação? O presente artigo parte do pressuposto de que, para se pensar a melhoria da Educação Superior no Brasil e avançar na perspectiva da inovação científica é necessário dar visibilidade às vozes das novas gerações dos atores sociais, possibilitando-lhes que falem de suas *experiências de si*.

No percurso percorrido da roça à universidade, como os universitários foram recebidos no ambiente acadêmico? Quais são os traços, os estigmas, visíveis e invisíveis de classe, etnia e gênero? Como as pessoas se relacionam com as diferenças?

Referencial teórico

Um dos autores que tratou deste tema foi Norbert Elias que escreveu com John Scotson o livro *Os estabelecidos e os outsiders* (2000). Segundo os autores, as palavras *establishment* e *established* são utilizadas, em inglês, para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Os autores seguem explicando que:

As categorias estabelecidos e *outsiders* se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência. Superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são elementos dessa dimensão da



vida social que o par estabelecidos/*outsiders* ilumina exemplarmente: as relações de poder (2000, p.08).

O termo establishment é uma palavra rigorosamente intraduzível, pois descreve “uma forma *tipicamente inglesa* de conceituar as relações de poder, de um modo abstrato ou puro, independente dos vários contextos concretos nos quais essas relações podem realizar-se” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 08). No entanto, a sociologia de Elias mostra “o conteúdo universal dessa forma singular das relações de poder” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 08).

Portanto, todos os grupos humanos tendem a estabelecer uma atitude de *desvalorização* com relação a outros grupos em menor ou em maior grau. São modelos relacionais de contraposição. As relações entre estabelecidos e *outsiders* se pautam no fato de um grupo sempre buscar excluir o outro das chances de poder e status, conseguindo monopolizar essas chances. A exclusão pode variar de modo e grau, pode ser total ou parcial, mais forte ou mais fraca. Também pode ser recíproca.

Na opinião de Elias e Scotson (2000) existem graus distintos de tolerância e intolerância entre os grupos de estabelecidos e *outsiders*, geralmente os setores mais inseguros (com relação ao seu valor) do grupo estabelecido tendem a mais aguda hostilidade na estigmatização dos grupos *outsiders*. São estes que lutariam para garantir a estabilidade da fronteira entre os dois grupos.

Procedimentos metodológicos de constituição dos dados: a entrevista narrativa

A aproximação com os entrevistados se realizou mediante contato dois coordenadores dos cursos de Direito e Enfermagem, a quem foram apresentados os objetivos da pesquisa e a solicitação de ajuda para encontrar alunos com o perfil desenhado no estudo. O mediador-informante mais significativo foi o presidente do Centro acadêmico de Direito, cuja namorada era aluna do curso de Enfermagem, que identificaram colegas que tiveram experiência de trabalho infantil no campo e que ingressaram nos cursos seletos da universidade através do vestibular.

As entrevistas foram realizadas individualmente, com duração de aproximadamente uma hora e meia cada, em local e horário acertados de comum acordo com os entrevistados, após a leitura e a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e consentimento pós-informado. É importante sinalizar que os quatro entrevistados concederam espontaneamente suas entrevistas com a intenção de poder contar suas vidas, para que elas tomassem corpo em texto e tivessem, eventualmente, um papel didático para outros jovens, outras vidas. Eles sugerem, com essa atitude, que as entrevistas narrativas possam ter um caráter formativo coletivo e, portanto, caracterizar-se como um ato político.

Retomamos aqui, esquematicamente, os seis passos que seguimos na análise da entrevista narrativa, apresentados por Bauer e Jovchelovitch (2002), a partir dos



estudos de Shütze. Primeiro passo: transcrição detalhada do material verbal; segundo: divisão do texto em material indexado e não indexado; terceiro: utilização do material indexado para analisar e ordenar os acontecimentos e construir a “trajetória” do sujeito; quarto: transformação do material não-indexado em “análise do conhecimento”; quinto: agrupamento e comparação das trajetórias individuais; sexto: identificação de trajetórias coletivas.

Uma vez transcritas as entrevistas, procedemos à identificação dos dados indexados e não indexados, com o objetivo de repertoriar as estruturas processuais do percurso da vida, tais como: “etapas da vida arraigadas institucionalmente; situações culminantes; entrelaçamento de eventos sofridos; pontos dramáticos de transformação ou mudanças graduais; assim como desenvolvimentos de ações biográficas planejadas e realizadas”. (SCHÜTZE, 1983 apud WELLER, 2010, p.07).

Para tanto, fizemos um quadro com três colunas. O texto das narrativas foi colocado no centro e à medida que identificávamos o material indexado (“quem fez o que, quando, onde e por quê”) íamos colocando-o na coluna à esquerda e os enunciados descritivos e argumentativos que expressavam os sentimentos, valores e opiniões relacionados ao modo como os entrevistados percebiam os acontecimentos experienciados (material não indexado) fomos distribuindo os enunciados na coluna à direita, tal como representado no quadro abaixo:

	Transcrição da entrevista Material Indexado Material não-indexado: Material não-indexado:	Material não-indexado: categorias descritivas:	Material não-indexado: categorias argumentativas:
Material indexado	Entrevista	Material não indexado	
Material Indexado: quem fez o que? Como? Onde? Por que?	P: Como foi sua trajetória de vida até chegar à universidade, onde você nasceu, em	como os acontecimentos são sentidos e experienciados, aos valores e opiniões ligados a eles, e às coisas usuais e corriqueiras	se refere à legitimação do que não é aceito pacificamente na história e a reflexões em termos de teorias e conceitos sobre os acontecimentos



<p>na zona rural, somos em 8 filhos. [A]cidade ficava há 13 quilômetros do sítio [...] tínhamos que ir para a cidade de qualquer forma, de bicicleta, a pé ou de qualquer tipo...</p> <p>Meu pai é agricultor, minha mãe é dona de casa...</p>	<p>que cidade?</p> <p>M: Em um sítio, no interior de São Benedito, na zona rural, somos em 8 filhos, desde o início dos estudos foi complicado porque a gente tinha que estudar na cidade que ficava há 13 quilômetros do sítio, não tinha transporte para a gente ir e tínhamos que ir para a cidade de qualquer forma, de bicicleta, a pé ou de qualquer tipo...Meu pai é agricultor, minha mãe é dona de casa e ele teve uma influência muito grande na nossa formação porque ele sempre quis que a gente estudasse. Diferente de outras pessoas de lá...</p>	<p>...desde o início dos estudos foi complicado porque a gente tinha que estudar na cidade.</p> <p>...[o pai] teve uma influência muito grande na nossa formação porque ele sempre quis que a gente estudasse. Diferente de outras pessoas de lá..</p>
--	--	--

Quadro 1: Fonte: categorização da entrevista narrativa de Maria

Procedimento de análise dos dados: material indexado e não-indexado

O material indexado significa “que a referência é feita a acontecimentos concretos em um lugar e em um tempo” (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2003, p.91), refere-se a fatos cronológicos da narrativa (acontecimentos, personagens, crises...) nos permitiu reconstruir a o percurso de cada um dos entrevistados.

Por outro lado, o material não-indexado nos permitiu a reconstrução do percurso intelectual de cada um. Entendemos este percurso composto pelas *experiências de si* no contexto da Educação Informal e da Educação Formal. A primeira corresponde às vivências do trabalho infantil junto à família e a segunda, corresponde às vivências da Educação Básica, ou seja, Ensino Fundamental e Médio e o Ensino Superior.

Destacamos os dois momentos extremos da *experiência de si*, ou seja, o trabalho infantil na roça e o processo de ingresso, permanência e conclusão na universidade. No



primeiro momento, analisamos a experiência de forma dialética, onde o trabalho sacrificante conviveu com a ludicidade e a construção de saberes e valores sólidos, no seio da família.

No segundo momento, identificamos nas *experiências de si* o quanto o primeiro momento foi importante para a superação de preconceitos e discriminações ao longo da escolarização, principalmente em carreiras seletivas do Ensino Superior e diante da ausência de políticas públicas democráticas na universidade investigada. É deste segundo momento que trataremos neste artigo.

Contexto da pesquisa

Os quatro entrevistados nasceram na zona rural do estado do Ceará, em municípios próximos de Sobral, cidade onde fizeram o ensino superior na Universidade do Vale do Acaraú. Filhos de pequenos agricultores, analfabetos ou com a escolaridade mínima, pertenciam a uma família numerosa e vivenciaram desde tenra idade o trabalho na roça na companhia dos pais e dos irmãos. Todos eles destacam como pessoas importantes, em suas vidas, o pai, a mãe e um irmão ou irmã, ou tios, com quem foram morar na cidade e que os ajudaram em seu percurso de ingresso e conclusão do curso superior. O compromisso atual de todos eles é dar continuidade aos estudos, ou à carreira profissional já iniciada, e ajudar os irmãos mais jovens a realizarem, como eles, estudos universitários para retribuir o apoio recebido da família.

Gabriel: *outsider* antes do Ensino Superior

Em junho do ano de 2001, Gabriel foi aprovado, em décimo segundo lugar, no vestibular no curso de Tecnologia da Construção Civil. Assim, ele passou a ficar numa pousada, aos sábados, para assistir as aulas oferecidas pela UFC. Na época, influenciado pela profissão do Dr. Egberto, ele queria cursar Odontologia. Mas, oscilava entre esse curso e Direito. Fez vestibular para Odontologia na UFC de Fortaleza, mas não passou. Desistiu do curso de tecnologia da construção civil. Continuou estudando no cursinho. Em junho de 2002 foi aprovado no curso de Administração de empresas da UVA. Na época, um dos vestibulares mais concorridos desta universidade. Ingressou no curso para conhecer o cotidiano da faculdade. Percebeu que não era o que ele queria. Via os alunos do Direito passando e começou a enraizar o pensamento: “é Direito!” Com essa situação Gabriel “criou fama” em Granja devido à sua história. Por isso, foi convidado a dar aulas de geografia em uma escola particular. A escola é considerada de ótima qualidade: “é a base para passar no vestibular” dizia ele.

Em agosto de 2003, passou no concurso para o Banco do Brasil. De 6 mil e 600 candidatos da micro região onde mora, ficou em 47º lugar. Aguardava a sua nomeação. Mas, torcia para ser convocado depois de passar no vestibular para Direito, senão, seu tempo de estudos diminuiria. Em dezembro desse ano, Gabriel fez vestibular para Direito. Havia trinta vagas para o curso. Ele ficou na 200ª colocação. Por isso, meio desestimulado com o curso, depois de um semestre na Administração de Empresas,



Gabriel trancou a matrícula e voltou ao cursinho. Continuava trabalhando na rádio, porém em outro horário, das oito às doze. O tempo de seu programa havia aumentado e ele recebeu um pequeno reajuste no salário. Mas, o Dr. Egberto continuava pagando seu cursinho.

Em 2004, fez vestibular novamente para Direito e dessa vez, mesmo não tendo sido aprovado, sua colocação melhorou: ficou em quadragésimo primeiro lugar. Animado disse: “ano que vem, eu passo!”. Ainda nesse ano, Gabriel montou uma espécie de cursinho em seu quarto, dava aula para vinte e cinco alunos dos três anos do Segundo Grau, nas disciplinas de matemática, química e física. Uma turma funcionava pela manhã e outra à noite, assim como já havia internet em uma escola de Granja, onde um amigo de Gabriel trabalhava, ele acessava as provas do ITA e da FUVEST para estudar.

Então, em 2005, passou no vestibular para Direito em trigésimo terceiro lugar. Dois dias depois, foi nomeado no Banco do Brasil. Aconteceu do jeito que Gabriel desejava. Primeiro, a aprovação no vestibular para Direito. Depois, a convocação do Banco do Brasil. Mesmo sendo locutor de vários programas e ser o titular do horário nobre da rádio, Gabriel pediu demissão, começou a trabalhar no Banco do Brasil e iniciou as aulas no Direito. Seu novo salário, de valor maior, auxiliou para que ele comprasse os livros necessários. Dessa forma, passando no vestibular, sentiu enorme felicidade.

Então, a primeira pessoa que ele comunicou foi o Dr. Egberto. Gabriel diz que neste momento: “lembrei do cara que esnobou a comemoração do meu primeiro diploma recebido no supletivo” e fez a *desforra*. Sua conquista foi importante para a comunidade porque em oito anos da existência do curso de Direito, ninguém em Granja havia sido aprovado, seus conterrâneos abriram mão de prestar vestibular em Sobral e foram para o Piauí. Já, Gabriel sonhava com seu primeiro dia de aula. Seus colegas diziam que ele tinha perfil de advogado porque ele falava bastante. Assim, o primeiro dia de aula, tão esperado, foi no Núcleo de Disciplinas Básicas e não no curso de direito propriamente dito.

Em 2007, Gabriel pediu transferência do Banco do Brasil de Granja para Sobral. Como não precisava mais viajar todas as noites, suas notas no curso melhoraram, escreveu e apresentou a monografia de conclusão de curso em um mês e concluiu o curso de Direito seis meses antes do período previsto, mostrando o valor do perseverar e de direcionar os objetivos.

Maria: *outsider* durante o ensino superior

Maria e seus irmãos sempre estudaram em colégio público. No terceiro ano, eles fizeram vestibular. Esse concurso era pouco divulgado na escola, as pessoas não iam



fazer porque achavam muito difícil. Ficou em dúvida, seu irmão-colega ajudou a decidir. José escolheu o curso de Enfermagem para Maria e Física para João. Não sabia do que se tratava o curso. José explicou o que era e onde se realizava a profissão de enfermeira. Aí, ela “começou a imaginar...”. Ela passou no primeiro vestibular, sem fazer cursinho preparatório, “foi uma felicidade muito grande, foi um marco!”. Não havia livros, apenas algumas apostilas. João muito cuidadoso com seus irmãos, seis meses antes do vestibular, mandou provas para os irmãos estudarem, o caderno de matrícula de um curso da UVA, fotografias do prédio.

O irmão mais velho, João, iniciou a faculdade de matemática, na UVA, em Sobral e “veio trazendo os outros” irmãos. Quando ele estava no 4º período, Maria iniciou a faculdade de Enfermagem. Antes disso, ela “não tinha noção dos cursos”. O seu irmão dizia que eles viriam para Sobral e o “sonho foi crescendo. Não sei para onde nem para o que, mas a gente vinha...”.

No início do curso de enfermagem, foi a impossibilidade de trabalhar para ajudar nas despesas da casa, em Sobral, Maria não sabia que o curso de Enfermagem era em período integral. Os irmãos decidiram assumir as despesas de Maria enquanto ela estudava. Ela sabia que além das despesas domésticas teriam despesas com o material didático, transporte, alimentação, etc. Assim foram surgindo estratégias: quando não conseguia comprar uma apostila exigida pelo professor, copiava ou ganhava de um colega. Ela sabia que seria difícil para eles porque a renda era pequena.

Mas, no quinto período da faculdade, ela recebeu uma bolsa de iniciação científica pesquisando sobre o comitê de ética da UVA, isso foi durante dois anos e começou a apresentar trabalhos em eventos científicos. Assim, com o valor da bolsa de estudos, sua situação “melhorou muito”, tanto no conhecimento, pois a professora é muito competente e muito requisitada. Quando Maria foi selecionada pela professora, fez com que os seus colegas, preconceituosos, questionarem o motivo pelo qual ela tinha sido selecionada: “as pessoas duvidavam de mim na minha cara, achavam que eu não conseguiria”.

Assim, ela tem certeza que, em sua turma da faculdade, era o “patinho feio”. A única que tinha vindo do interior e que tinha estudado em escola pública: “as pessoas sabem, eles se comunicam”. Então, ela continuou tendo que lidar com discriminação dos colegas em sala de aula, no aspecto pedagógico, os colegas excluía Maria dos grupos, porque conheciam sua história de vida, o percurso em escola pública e por não ser uma aluna destaque nas avaliações: “eu tinha as minhas limitações. Enfermagem é um curso de nível alto e eu tive que ”ralar”, pois, no aspecto interpessoal, os colegas elitizados tinham muitos momentos de lazer, “saíam para as baladas” e Maria não os acompanhava. Até por parte dos professores, pois alegavam que o curso tem um nível alto, pelo motivo de “lidar com vidas”, eles diziam que o curso não era para todo mundo, não era para alunos da escola pública. Afirmavam que havia “pessoas certas” para o curso.



Em outro momento, no processo de mudança, a virada da mesa: no terceiro período, durante um trabalho em grupo, a divisão do conteúdo, um colega a discriminou dizendo: “Dá a parte [do conteúdo] mais fácil para ela para não prejudicar a equipe”. A reação foi não aceitar, enfrentou o colega dizendo que ia ficar “igual aos outros”. Sugeriu um sorteio. O conteúdo foi sorteado pelos componentes do grupo. Resultado: ela foi a única aluna do seu grupo a obter nota dez pela apresentação. “Quando você faz parte de um mundo elitizado, eles te querem como amiga, mas, quando você não faz parte, eles te isolam”. E, no quinto período, a turma achou a disciplina de patologia muito difícil. Dos quarenta alunos, a metade ficou reprovada. Maria foi aprovada, avançou e seus colegas ficaram um período atrás.

No entanto, à medida que Maria ia aprofundando seus conhecimentos em pesquisa, começou a se destacar na faculdade. Então, seus colegas “de forma interesseira”, começaram a se aproximar dela porque não “gostavam de estudar e não sabiam fazer” e durante o sexto período da faculdade, vários colegas foram à sua casa pedir sua ajuda para elaboração do trabalho de conclusão de curso. Inicialmente, ela se recusou alegando que não sabia como ajudar. Com a insistência dos colegas, ajudou a todos por solidariedade, sem cobrar nada.

Quando faltavam dois meses para a formatura e todo mundo dizendo que estava com seus empregos garantidos. E eu super tranquila. “Meu pai dizia: ‘minha filha, não se preocupe, Deus providencia’”. Aí aconteceu uma seleção na Santa Casa. E eu pensei: ‘Não estou estudando, não vou fazer’. E todo mundo dizia: ‘Vá fazer’. Pressão muito grande. Eu fiz e tirei o primeiro lugar e comecei a trabalhar dois meses antes da formatura, antes de todo mundo, os que diziam de emprego certo.

Dessa maneira, começou o trabalho lá, no setor de assistência. “É um trabalho difícil, exige muito, é estressante”. Depois, passou para a maternidade. E a professora Roberta, coordenadora da Santa Casa, pedia à Maria, depois da formatura, para ela dar aulas em sua disciplina no curso de enfermagem. Os alunos gostaram. Nesse momento, muitas pessoas chegavam para mim para falar algo importante. Uma até disse: “Maria, eu achava que você não ia passar do segundo período” e reforçou: “Hoje, você está aqui e eu admiro você e tudo mais, eu acho que é importante”.

Então, ela tendo entrado no curso de Enfermagem em 2004.1, através do vestibular, terminou em 2008.1, tudo foi superação, construção de confiança e quebra de preceitos e preconceitos, pois uma moça de classe baixa, do interior, provinda da escola pública ter chegado aonde Maria chegou, é algo bem impar, pois iniciaram-se os preparativos para a festa de formatura, ela pensou que não teria condições financeiras de participar. Mas, mesmo assim, como seus colegas já estavam mais próximos, as relações interpessoais estavam melhores, eles apoiaram, aceitaram que ela pagasse parte das despesas, ela participou e foi um momento emocionante, a sua família e sua orientadora compareceram. Como também, um pouco antes disso, como sinal de reconhecimento, quase toda a turma dela assistiu a sua apresentação de monografia.



Mário: de *outsider* em Odontologia a estabelecido em Enfermagem

Mário preparou-se de março a junho, prestou vestibular no meio do ano e foi aprovado. Iniciou o curso de Enfermagem. Em seguida, no terceiro semestre, ele fez vestibular para Odontologia e foi aprovado. cursou as duas faculdades paralelamente. Já, no quarto semestre de enfermagem, começou a ter aulas práticas na Santa Casa. Depois, quando apresentou o trabalho de conclusão de curso na faculdade de enfermagem e submeteu-se a uma seleção rigorosa na Santa Casa. Foi aprovado. Em novembro de 2010 passou da situação de estagiário para a de funcionário.

Durante o curso de Enfermagem, era um dos alunos mais novos na sua turma. Nas relações interpessoais, considerava-se “anti-social” e não saía para as festas. Como havia muitas festas, teve que se adaptar, se entrosar com os colegas. Foi um período significativo para sua juventude porque ele passou a vivenciar coisas diferentes: passou a viver mais, viajar para participar de Congressos: “a coisa chata dos congressos são as palestras, o resto é só aproveitar”. No aspecto pedagógico, avalia que, no início, até o terceiro semestre, não gostava da faculdade, porque “ficava muito em sala de aula, não tinha aulas práticas”. Esperava que, no curso, houvesse muito tempo no hospital, no setor da assistência. Então, Mário ficou decepcionado: “Achei que não era aquilo o que eu queria”.

Por outro lado, Mário não gostou do curso de Odontologia- Campus Sobral. Achou que não tinha nada a ver com ele. Comparou com a vivência na enfermagem e concluiu que os colegas da Odontologia eram muito elitizados, porque eles frequentavam lugares caros. Mário avaliou que, na sua condição de estudante, dependente da família, não tinha condições de se entrosar e acompanhar seus colegas desse curso. Essas relações interpessoais pesaram na sua decisão de continuar na Enfermagem porque, em um semestre, Mário não conseguiu fazer amizade com os colegas da Odontologia. Caso que na Enfermagem, era amigo de todos os colegas. Superando o isolamento das “panelinhas”.

Mas os seus tios ficaram contra sua decisão, não aceitavam o fato de ele desistir da Odontologia, “de ser doutor”. A sua mãe foi a única pessoa a apoiá-lo porque, até hoje, nutre o sonho de que o filho, formado em Enfermagem, vá ajudá-la no posto médico onde atua como agente de saúde pelo Programa de Saúde da Família (PSF), assim, sempre procura vagas de emprego para Mário, em Balceiros.

Portanto, Mário diz que não sofreu discriminação na faculdade de Enfermagem devido à sua história de vida, pois, todos os seus colegas o conheciam. Conta que achava graça quando alguém se referia a algum lugar como um Balceiro (um lugar com um amontoado de coisa, uma bagunça). Teve duas colegas que haviam estudado em escola pública, mas, ele era o único universitário de sua turma com experiência de trabalho infantil. “O fato de eu ser do interior não interferiu em nada, porque na minha



turma só uns quatro alunos era de Sobral os outros eram dos interiores. Diferente da Odontologia que todo mundo era de Fortaleza”.

Mário sentiu, também, a discriminação de gênero, ou seja, o fato de ser homem no curso de Enfermagem: “Na minha turma tinha 12 homens num total de 35 pessoas. Era a única turma com esse número de homens. As outras turmas tinham um ou dois homens. Até hoje eu sinto essa discriminação no trabalho. Os usuários preferem enfermeiras. Eles acham que mulher é enfermeira e homem é médico”.

No início da faculdade, o cunhado de Mário teve um projeto financiado pelo MEC. O objetivo do projeto era inclusão social. O público alvo eram pessoas carentes e afro-descendentes de escolas públicas de Sobral. Neste projeto, Mário foi professor de Biologia e Química, na escola de Ensino Médio Nestor Naspolini. Foi nesse momento que a situação teve uma pequena melhora, pois a bolsa o auxiliou nas suas necessidades básicas.

Amauri: estudante universitário estabelecido

O primeiro vestibular de Amauri foi para o curso de Ciências Contábeis, na UVA. Foi aprovado, mas cursou apenas o primeiro semestre. Apesar de ter obtido informações sobre a universidade no ensino Médio, ele alega que não teve orientações para escolher o curso: “O colégio não tinha preocupação de direcionar a gente nessa época, a gente ia metendo de cabeça mesmo”. Em 1996 prestou vestibular para Direito, tirou o primeiro lugar para se graduar neste curso na UVA, e justifica sua escolha pelo curso com o fato de que: “já trabalhava no fórum”. Então, devido ter feito cursinho pré-vestibular, Amauri afirma que sempre se destacou como universitário.

Também, em seu percurso de êxito, Amauri se destacou entre seus contemporâneos de infância, pois foi o único a concluir o Ensino Superior. Considera-se uma pessoa motivada aos estudos, alguém que sempre gostou de estudar, buscava conhecimentos. Devido à quase ausência de capital cultural, usava como tática solicitar material emprestado aos colegas que estudavam em escolas particulares. E, dessa forma, o percurso no Ensino superior foi sem dificuldades pelo fato da renda de três salários mínimos e a sua trajetória não influenciar na universidade, porque a turma era heterogênea.

Assim, por causa do exemplo dele e do irmão, outros quatro irmãos entraram na faculdade: dois no Direito, um na Enfermagem e um na Engenharia. Lembra que ajudou uma irmã a cursar Direito e à outra a fazer um curso técnico de radiologia. Também ajuda as sobrinhas hoje em dia. Dessa maneira pode-se entender que força de vontade para seguir em busca do objetivo pelo estudo, como a necessidade de legar o aprendido são fatores preponderantes aqui.



Sínteses e perspectivas

O que eles fizeram com o que fizeram deles? (SARTRE apud BERTAUX, 2010, p.158).

Mário

Então, aos 22 anos de idade, tendo ingressado na universidade aos 16 anos, Mário hoje está fazendo curso de especialização em educação e saúde. Seu sonho é sair do setor de assistência e ser professor universitário.

Mauro

Atualmente, é professor universitário – na UVA e na Faculdade Luciano Feijão. Não dá aula pelo dinheiro, mas porque reconhece a importância da educação na vida das pessoas. Fez especialização e tem dificuldades para fazer mestrado devido à localização deste ser em Fortaleza e a de seu trabalho no interior. E diz que o principal aprendizado de sua história: é que a educação é para que as pessoas tenham vida digna e sejam cidadãos equilibrados. “O resto é falácia”; “Educação é tudo para que as pessoas não vivam eternamente escravas das circunstâncias, das intempéries da vida”.

Maria

Explicações para seu êxito: ser “focada”: “ter o foco muito certo na minha cabeça e [o apoio] da família”. Analisa sua trajetória da seguinte forma: “Hoje em dia, eu olho pra trás e vejo que tudo é possível, as coisas são possíveis, basta a gente acreditar, a gente ter um foco”.

Maria incentiva seus conterrâneos a prestar vestibular, através da sua experiência: “tem que ter muito pé no chão, tem que saber o que quer, é muito esforço mesmo (...) tem que ser a longo prazo”. Foram algumas dificuldades ao longo do ensino superior, cinco anos de muita luta para ela e seus irmãos. Uma estratégia era a assembléia da família para buscar soluções, diálogos, incentivos, apoios mútuos: “a gente chorava muito”.

Mas mesmo depois de uma vida de sacrifícios, dedicada aos estudos, Maria reclama que enfrenta preconceitos das pessoas em sua volta: “Quem colocou você aqui?”. Como se sua competência e habilidades para as funções que exerce não significassem nada, pois o clima de competição da Santa casa faz com que suas colegas sarcasticamente perguntassem se ela ganha muito dinheiro para passar muito tempo



dentro da Santa Casa. Ela responde que a maioria de seu trabalho é voluntário. E alega que com seu esforço vai conquistando espaços, na Santa Casa, destacou-se no trabalho e seu chefe a chamou para coordenar o setor o qual ela atua. Isso não é justo para suas colegas, que têm mais de dez, vinte anos de atuação, “ficam espantadas”.

Na continuidade, Maria acredita que vai enfrentar preconceitos ao longo da vida, sente-se mais respeitada agora pelo destaque que vem tendo em seu contexto profissional, mas, mesmo assim, reclama que ainda existem preconceitos e discriminação mesmo entre sua colega confiante, que em uma ocasião, ela desabafando sobre as dificuldades que estava enfrentando junto a administração da Santa Casa e ela amiga declarou que Maria ainda ia enfrentar muitos problemas pelo fato dela ser negra, ter o cabelo “ruim” e por ser considerada pelos colegas uma enfermeira protegida.

Indignada, Maria reagiu pela primeira vez, transgredindo os ensinamentos do seu pai. Respondeu que: “você é minha amiga, mas você não conhece o meu trabalho, eu estou na Santa Casa há dois anos [através de seleção] e são dois anos de muita dedicação. Eu não fiz nada na minha vida porque estou aqui, dedicada. Para Maria, a dinâmica do curso de enfermagem se estendeu no trabalho da Santa Casa porque a classe dos enfermeiros e dos médicos é muito elitizada. Os enfermeiros têm um jeito muito autoritário, mesmo com as pessoas que vão ao hospital em busca de amenizar seu sofrimento

Ela descreve que utiliza seu jeito de ser como estratégia nas relações interpessoais no ambiente do trabalho: “eu consigo com que as pessoas acreditem em mim e elas defendam a minha idéia (...) os colegas ficam achando ruim: ‘ó, você é muito amiga, muito flexível’ (...) tem que chamar atenção de alguém, eu chamo, mas num canto, devagar, com jeito, tem que ter responsabilidade. E nisso, eu me envolvi em todo o processo da Santa Casa, de formação, de aula, eles me convidavam pra dar aula pros técnicos de enfermagem e, tinha os grupos de pesquisa eu me inseria, me engajava” e considera-se feliz por ter conseguido dar a volta por cima em momentos tão difíceis em sua vida e acha que o fato de ser a mesma pessoa simples pela educação que teve, mesmo depois de formada e trabalhando, é algo importante a ela, porque “tudo passa” e as prioridades como ajudar a família antes de comprar um carro, dizem respeito a isso.

Gabriel

Desde que assumiu o trabalho no Banco do Brasil, Gabriel dá a sua irmã com a qual morou em Granja, a metade do valor do vale alimentação. Além de pagar a previdência privada do seu sobrinho. Para ele, é uma compensação pelo tempo que foi ajudado pela irmã: “se não fosse ela, se ela não tivesse casado, se ela não tivesse saído do interior eu não saía também, porque não tinha como, não tinha perspectiva nenhuma”. Com tudo isso, ele considera que a pessoa melhorando suas condições de



vida seja “natural” que as coisas em volta melhorem também. Por exemplo, sua casa está melhor. Não mora mais em casa de taipa.

Gabriel destaca a “função didática da história de vida”: “Eu já pensei inclusive de escrever toda essa minha história, até com medo de esquecer porque tem muitos mais detalhes (...). Uma das vontades que eu tenho era resumir tudo isso numa palestra, eu acredito nisso, quero crer que muitas pessoas também acreditam, que às vezes falta para você uma luz, um norte, uma orientação, então, se de repente você vai dar uma palestra para uns cem jovens que estão como eu estava lá, esperando só uma coisa que...alguém que tem 18 anos e pensa que não é mais possível e aí você conta a sua história e o indivíduo pensa ah então eu também posso conseguir. Os detalhes, às vezes, passam despercebidos”.

Considerações finais

Mesmo com a vivência migratória de seus pais - lugar comum em décadas passadas – os universitários romperam com a tradição de migrar para outras regiões do Brasil e vincularam-se fortemente às suas raízes, empoderando-se e empoderando sua comunidade de origem. Houve uma ruptura, uma transgressão da *cultura rural* local onde o trabalho na roça estava em primeiro lugar e os estudos, em segundo lugar: os avós trabalharam na roça e não freqüentaram escola. Os pais trabalharam na roça e freqüentaram os primeiros anos do Ensino Fundamental. Os filhos trabalharam na roça durante a infância, mas sempre freqüentaram a escola e acessaram o Ensino Superior.

Todos os universitários respeitam seus pais e suas histórias. Alimentaram o sonho familiar e pessoal de sair do trabalho rural e criaram estratégias para ingressar nas trocas simbólicas da vida urbana e universitária. O motor de seus sonhos foi o estudo. Mário, especialmente, relata que, desde crianças, se sentiam angustiados e pensavam em mudar de vida. E, concretizada essa transformação, nunca negaram suas raízes e sempre mantiveram seus vínculos familiares e comunitários.

Verificamos que entre os quatro entrevistados houve semelhança na *experiência de si* quando trabalharam na roça com os pais durante suas infâncias. Também há algumas semelhanças em alguns aspectos vividos durante o ensino formal: dificuldades de acesso e precariedade na estrutura da escola, na formação dos professores, etc. No entanto, as *experiências de si*, no Ensino Superior divergem.

Amauri obteve benefício da bolsa aprendizagem, conquistou emprego público através de concurso e, ao fazer vestibular para Direito, tinha renda para custear seus estudos. Por isso, podemos considerá-lo um estabelecido.

Mário sentia a diferença entre a cultura da roça e a cultura urbana quando mudou de Balceiros para Sobral. Na escola de Ensino Médio, conheceu as *gangs*, mas teve perspicácia para conviver com os colegas. Ao mesmo tempo, ficou satisfeito em estudar



com professores que eram formados em sua área. No ensino Superior, Mário sentiu discriminação de gênero. Pelo fato de ser homem, nunca teve acesso às oportunidades, tais como, bolsa de iniciação científica. Alega que os professores preferiam as alunas. No hospital e nos postos de saúde também percebe esta preferência entre os usuários do sistema de saúde. Mário fez vestibular para odontologia e se sentiu discriminado pela sua diferença de classe. Preferiu continuar e concluir o curso de enfermagem. Então, podemos dizer que Mário foi *outsider* no curso de Odontologia e estabelecido no curso de enfermagem.

Maria, a única mulher entre os entrevistados, relatou seu processo de discriminação e preconceito ao longo do curso de Enfermagem. Graças aos ensinamentos da família, soube enfrentar os problemas com paciência e prudência. Maria “virou a mesa” à medida que se sobressaiu nos estudos. Após iniciar a experiência como bolsista de iniciação científica, destacou-se entre os colegas e migrou de *outsider* para estabelecida.

Amauri e Maria não são das cotas étnicas na universidade. Entendem que elas causariam mais discriminações. São a favor das ações afirmativas para estudantes oriundos das escolas públicas. Entendem que o vestibular é uma fronteira intransponível para os alunos pobres e defendem o investimento e a melhoria da escola básica para que todas as pessoas tenham acesso ao Ensino Superior de forma igualitária.

É importante sinalizar que os quatro entrevistados concederam espontaneamente suas entrevistas com a intenção de poder contar suas vidas, para que elas tomassem corpo em texto e tivessem, eventualmente, um papel didático para outros jovens, outras vidas. Eles sugerem, com essa atitude, que as entrevistas narrativas possam ter um caráter formativo coletivo e, portanto, caracterizar-se como um ato político.

Referências bibliográficas

ASTIGARRAGA, A. A.; PASSEGGI, M. C. De *outsider* à estabelecida: processo de acesso, permanência e conclusão no Ensino Superior de uma jovem universitária com experiência de trabalho infantil no campo. **ANAIS do X Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria em América del Sur**. Mar del Plata, de 8 a 10 de dezembro de 2010. Publicação online: www.inpeau.ufsc.br/wp/wp-content/BD_documentos/coloquio10/163.pdf

BAUER e JOVCHELOVITCH. Entrevista narrativa. In BAUER & GASKELL. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.



BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução: mauro Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BISSERET, N. A ideologia das aptidões naturais. In: DURANT, J.C.G (Org.). **Educação e hegemonia de classe: as funções ideológicas da escola**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979.

CATTANI, A.M; OLIVEIRA, J. F. A educação superior. In: Oliveira, R.P & Adrião, T. (Orgs.). **A organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição federal e na LDB**. São Paulo: Editora Xamã, 2002.

OLIVEIRA, Andrade Dalila. A gestão democrática da educação no contexto da reforma do estado. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto & AGUIAR, Márcia Ângela da S. (Orgs.). **Gestão da Educação: impasses, perspectivas e compromissos**. São Paulo: Cortez, 2006.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

RESENDE, Haroldo de. Notas sobre modernidade, pedagogia e infância a partir de Michel Foucault. **ETD: Educação Temática Digital**. Vol. 12, no.1, p.242-255, 2010.

WELLER, Vivian; PFAFF, Nicole. **Metodologia da pesquisa qualitativa em Educação**. Teoria e prática. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2010.

_____. **Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de narrativas segundo Fritz Schütze**. www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT14-4741--Int.pdf Acessado em 21 de agosto de 2010.

_____. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **In: Sociologias**. Porto Alegre, ano 7, n.13. jan/jun 2005.

_____. Grupos de discussão e o método documentário de interpretação. s/d



_____. A entrevista narrativa e o método analítico de narrações segundo Fritz Schutze. s/d